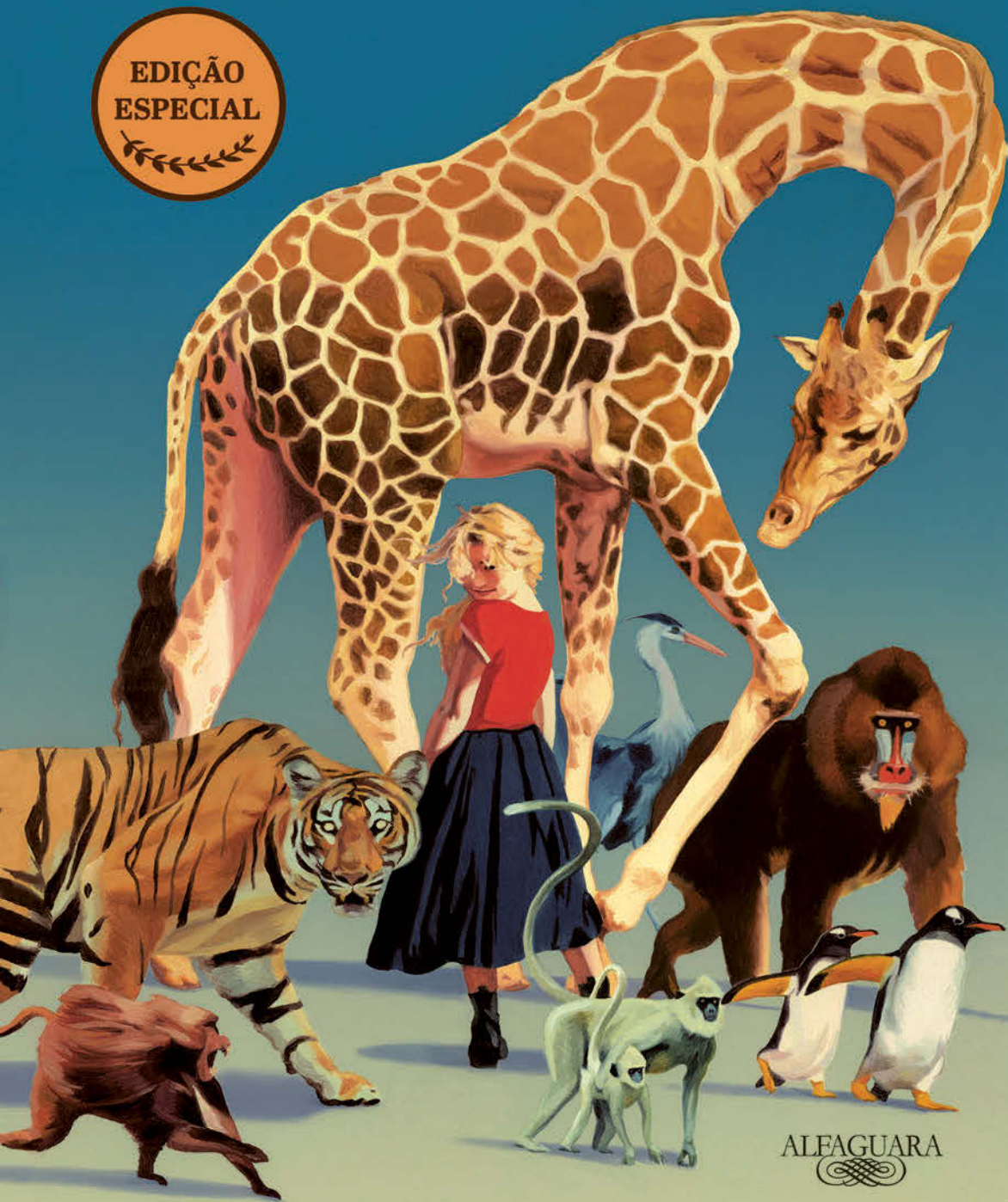


JOËL DICKER

UMA CATASTRÓFICA VISITA AO ZOO

EDIÇÃO
ESPECIAL



ALEAGUARA

Para Wolfe e Julia

Índice

PRÓLOGO

Consequências de uma catástrofe 11

ALGUNS ANOS ANTES 15

CAPÍTULO 1. A teoria das catástrofes 17

CAPÍTULO 2. Uma segunda-feira nada normal..... 19

CAPÍTULO 3. A inundação da escola 25

CAPÍTULO 4. Na escola das crianças normais 37

CAPÍTULO 5. A reunião no anfiteatro..... 45

CAPÍTULO 6. Da democracia 51

CAPÍTULO 7. A aula de ginástica..... 57

CAPÍTULO 8. A aula de prevenção rodoviária..... 65

CAPÍTULO 9. Todos ao hospital! 73

CAPÍTULO 10. Todos para a escola! 79

CAPÍTULO 11. A reunião de pais 85

CAPÍTULO 12. Santa bofetada.....	97
CAPÍTULO 13. Um testemunho essencial.....	103
CAPÍTULO 14. Apanhámos o Pai Natal!	111
CAPÍTULO 15. A peça de teatro.....	115
CAPÍTULO 16. A «Christmas party»	119
CAPÍTULO 17. O comité de censura	131
CAPÍTULO 18. O espetáculo de fim de ano (1/2).....	139
CAPÍTULO 19. O espetáculo de fim de ano (2/2).....	143
CAPÍTULO 20. Encontrámos o culpado	147
CAPÍTULO 21. Uma catastrófica visita ao zoo.....	155
CAPÍTULO 22. Fazer uma emenda	169
EPÍLOGO	171
<i>Post-Scriptum</i>	175
Algumas palavras a propósito deste	
<i>Uma catastrófica visita ao zoo</i>	177

Prólogo

CONSEQUÊNCIAS
DE UMA CATÁSTROFE

Na pequena cidade onde cresci, as pessoas ficaram marcadas, durante muitos anos, pelos acontecimentos ocorridos no jardim zoológico numa sexta-feira de dezembro, a poucos dias do Natal.

E durante todos esses anos ninguém soube o que verdadeiramente se passou. Até este livro.

Nem eu, embora tenha sido uma das protagonistas deste caso, jamais imaginei vir um dia a contar tudo isto. Mas mudei de ideias ao aperceber-me de que desenvolvemos, uma vez chegados à idade adulta, a lamentável tendência para esquecer as crianças que fomos. Crianças que, por isso, permanecem em nós. Prometi a mim mesma reparar no futuro tal situação, e este livro é a oportunidade para o fazer. Eis o motivo por que, correndo o risco de revelar tudo o que se passou, decidi relatar os factos exatamente como os vivi naquela época, quando ainda era uma criança.

A essa criança, que me orgulho de vos apresentar, passo agora a palavra.

ALGUNS ANOS ANTES

Capítulo 1

A TEORIA DAS CATÁSTROFES

Naquela noite, não tive direito a sobremesa. Por causa do que se passou no jardim zoológico. Durante todo o jantar, o papá repetiu-me, uma e outra vez: «Parece impossível, Joséphine! Parece impossível!» A mamã, por seu lado, não dizia nada. Lançava-me olhares reprovadores. E acabou por dizer simplesmente: «Amanhã, vamos visitá-lo ao hospital. Agora, come os teus feijões.»

Não gosto de feijões, mas percebi que não era altura para negociações. E comi-os sem protestar. É o que se chama «fazer tudo para passar despercebido». Depois, a mamã decretou que eu não teria direito à sobremesa. Fiquei com pena, porque a sobremesa era bolo de cenoura, o meu bolo preferido. Senti vontade de chorar, mas consolei-me pensando que os outros colegas da minha turma também tinham decerto sido privados de sobremesa.

A seguir ao incidente no jardim zoológico, os pais começaram a telefonar uns aos outros. Eu ouvi a mamã a fazer chamadas sucessivamente, repetindo a cada um dos interlocutores: «Estou mortificada, estou mortificada! Como é que uma catástrofe destas pôde acontecer?» Eu não sei lá muito bem o que «mortificada» significa, mas o facto

de começar pela palavra «morte» dava a entender que não era nada bom.

Quando acabei de comer os feijões, perguntei se podia levantar-me, uma vez que não tinha direito a sobremesa. Mas a mamã respondeu que não, depois ergueu-se, cortou uma fatia do bolo de cenoura e pousou-a à minha frente. Disse-me: «Podés comer o bolo se nos explicares o que se passou hoje no jardim zoológico.» Isto chama-se «chantagem», mas abster-me de fazer qualquer comentário. Peguei na colher e dividi a fatia de bolo em oito pedacinhos.

Uma catástrofe nunca acontece de repente: ela é o resultado de uma série de pequenos abalos que passam praticamente despercebidos, mas que, pouco a pouco, se convertem num terramoto. O que aconteceu hoje no jardim zoológico não fugiu à regra: foi o fogo-de-artifício final de uma sucessão de catástrofes.

Os meus pais queriam explicações, mas, para lhes explicar tudo, seria necessário explicar que a catastrófica visita ao jardim zoológico se devera ao catastrófico espetáculo da escola, que acontecera por causa da catastrófica peça de teatro, que fora encenada por causa da catastrófica visita ao Pai Natal, que acontecera por causa da catastrófica Santa Bofetada, que acontecera por causa do catastrófico curso de prevenção rodoviária, que acontecera por causa da catastrófica aula de ginástica, que acontecera por causa da catastrófica reunião no anfiteatro, que, por sua vez, acontecera por causa de uma catástrofe inicial.

E talvez seja melhor começar justamente por essa primeira catástrofe.

Capítulo 2

UMA SEGUNDA-FEIRA NADA NORMAL

Numa manhã de segunda-feira, já para o fim do outono, a poucas semanas do Natal, passou-se algo grave.

Como sempre, quando acontece uma catástrofe, somos apanhados de surpresa. Aquela segunda-feira parecia mesmo um dia normal: o meu despertador tocou, levantei-me, tomei o pequeno-almoço (cereais, mas deitando primeiro o leite na tigela, antes dos cereais, caso contrário não percebemos quanto leite estamos a usar), escovei os dentes, penteei-me, vesti-me, e a mamã levou-me de carro à escola. Até aqui, passou-se tudo como habitualmente.

A minha escola chama-se Escola dos Cumes Verdes. É uma escola especial. Chamamos escola especial a uma escola onde são colocadas as crianças que não vão para as outras escolas. Eu gosto muito da minha escola. É pequenina, porque só há uma turma. É como um grande pavilhão de madeira. A mamã diz que é encantadora. Eu diria antes que é gira. Há uma grande entrada, que também serve de vestiário. De um lado, fica a sala de aulas, do outro, uma sala de jogos. Há ainda uma pequena cozinha e, mesmo ao lado, as casas de banho. O nosso recreio é um jardim cheio de flores, rodeado por uma vedação que nunca devemos ultrapassar, a não ser que estejamos

acompanhados pelos nossos pais ou pela nossa professora, a Mademoiselle Jennings. Junto à escola há um pequeno parque com jogos para crianças e bancos onde se sentam as velhotas, enquanto os seus cãezinhos fazem cocó. É obrigatório apanhar os cocós dos cães, mas às vezes as velhotas fingem não ter reparado que os seus animais fizeram as necessidades. Quando vê isto, o contínuo da nossa escola vai ter com elas, furibundo, e ordena-lhes que apanhem os dejetos imediatamente. As velhotas fazem então um ar chateado e enojado, depois tiram do bolso um saco de plástico e lá apanham aquilo. A seguir, seguram nos sacos com as pontinhas dos dedos, como se os cocós fossem saltar-lhes para cima, e fazem umas caretas engraçadas. Nós rimo-nos a valer.

Mesmo ao lado do parque infantil, fica a escola das crianças normais. É para lá que vão todas as crianças, menos nós. É um grande edifício em tijolo, com um recreio enorme, revestido de betão, mais um imenso campo desportivo anexo. Da nossa escola especial, conseguimos ver a escola das crianças normais. Há lá muitas, enquanto nós, na nossa escola, somos só seis. Perguntei à mamã se um dia também irei para a escola das crianças normais. Ela explicou-me que provavelmente não, mas que me ama como eu sou.

O melhor de tudo, na escola especial, é a Mademoiselle Jennings, a nossa professora. Ela é a professora mais fantástica de todas. Tem paciência, é adorável, inteligente e doce. É também muito bonita. Está sempre bem-vestida e os seus cabelos, sempre bem penteados. Toda a gente a adora.

A segunda coisa mais espetacular, na escola especial, depois da Mademoiselle Jennings, são os meus cinco colegas de turma, todos rapazes.

*

Há o Artie, que é hipocondríaco, quer dizer, acha sempre que tem todo o tipo de doenças. Não é muito prático para ele, mas é divertido para nós, porque ele põe-se a berrar, em pânico, quando pensa numa doença qualquer. Quando for grande, o Artie quer ser médico para se tratar a ele mesmo, porque diz que o risco, quando vamos aos outros médicos, é ficarmos contaminados na sala de espera, que é um antro de doenças. Neste aspeto, acho que ele tem razão.

Há o Thomas, que é muito bom no karaté porque o pai é professor de karaté. (Ajuda ter um pai professor de karaté para se ser muito bom no karaté.) Quando for grande, o Thomas quer ser professor de karaté, como o pai.

Há o Otto, que tem pais que vivem em casas separadas. O nome disto é «divorciados». A mamã disse-me que o divórcio acontece quando o papá e a mamã já não têm vontade de dormir no mesmo quarto. Eu acho que quando for grande também vou ser divorciada, porque detesto partilhar o meu quarto.

O Otto sabe tudo sobre tudo. Nos seus aniversários, pede sempre enciclopédias e dicionários. Adora explicar as coisas e conhece palavras complicadas como «suimanga», «casuística» ou «queloide», que é uma palavra que aprendemos graças ao Artie. Quando for grande, o Otto quer ser conferencista.

*

Há o Giovanni, que veste sempre camisa, mesmo quando vamos todos brincar lá para fora. Os pais são muito ricos — quer dizer que têm muito dinheiro — e, pelos vistos, quando somos ricos temos de andar sempre de camisa. Espero não ser rica quando for grande, porque odeio vestir camisas. O Giovanni tem um empregado de mesa na sua casa. E isso é muito prático. Eu, na minha casa, depois das refeições, tenho de levar o meu prato para o lava-loiças. Mas na casa do Giovanni ninguém mexe um dedo. Um dia, convidou-me para o almoço: estávamos sentados à mesa e o empregado pousava os pratos à nossa frente. No fim, foi ele que levantou tudo. A mamã diz que isto é um mordomo, mas na casa do Giovanni chamam-lhe Bernard. Quando for grande, o Giovanni quer trabalhar na empresa do pai, que foi fundada pelo avô. Pelos vistos, é uma empresa familiar. Quer dizer que vai passando de uns para os outros.

Há o Yoshi, que nunca fala. Mas nunca mesmo nunca. É o meu colega preferido. Não precisamos de falar para nos compreendermos. O Yoshi tem muitas manias. Quer dizer que verifica sempre tudo dez vezes. Quando não é mais de dez vezes. Por exemplo, passou uma manhã inteira a verificar se os sapatos estavam mesmo no vestiário da escola. O Yoshi adora plasticina e molda objetos magníficos. Tem uma mesa só para ele num dos cantos da sala de aulas, onde concebe projetos sensacionais. Quando for grande, o Yoshi quer ser escultor.

*

E finalmente existo eu: Joséphine. Parece que compreendo as coisas demasiado depressa. Não vejo qual é o problema, mas aparentemente é um problema. E aí está pelo menos uma coisa que eu não compreendo. Quando for grande, quero tornar-me inventora de palavrões. Foi uma ideia que me foi soprada pelo meu pai.

Um dia, o papá leu no jornal um artigo sobre a família do Giovanni. A empresa familiar deles, que vai passando de uns para os outros, fabrica papel higiénico. Segundo o papá, o papel higiénico dá-lhes muito dinheiro. Ao ler o artigo, exclamou: «Uma ideia genial, o papel higiénico! Um produto que é consumido todos os dias, no mundo inteiro, de que vamos sempre precisar e que nenhuma tecnologia poderá substituir!» Disse para comigo que, para a minha profissão, devia escolher fabricar um produto do mesmo tipo. Depois o papá disse à mamã: «Já pensaste bem, querida, no dinheirão que eles fazem com o papel-prò-cu?» A mamã pediu ao papá para ter cuidado e não falar assim à minha frente, mas era demasiado tarde. Não apenas achei que papel-prò-cu era um magnífico palavrão, mas sobretudo que inventora de palavrões era um ofício com futuro: recorreremos a palavrões todos os dias, vamos sempre precisar deles e nenhuma tecnologia os poderá substituir.

Um dia farei um livro e meterei lá dentro os palavrões que tiver inventado. Será uma espécie de dicionário de palavrões.

Para voltar à famosa manhã de segunda-feira, dia da catástrofe inicial que se desenrolaria em cascata, de catástrofe em catástrofe, até à catastrófica visita ao jardim zoológico, quando eu e a mamã chegámos perto da escola,

havia camiões dos bombeiros parados na berma da estrada. Entrámos no pequeno parque infantil e vimos que os bombeiros se afadigavam em torno da escola especial. Foi nesse momento que percebi que aquele dia normal, na verdade, não seria nada normal e que acabara de ocorrer um incidente sério.

Capítulo 3

A INUNDAÇÃO DA ESCOLA

Os bombeiros entravam e saíam da escola especial com tubos que ligavam a máquinas ruidosas. Eu e a mamã misturámo-nos com uma pequena multidão de mirones, atraídos por toda aquela agitação. Depois vi a Mademoiselle Jennings, o contínuo e todos os meus colegas, que já lá estavam com os seus papás ou as suas mamás. Juntámo-nos a eles. A mamã perguntou aos outros pais o que se passava. «Inundação», responderam em unísono.

O Otto explicou-nos, agitando no ar o seu dicionário, que a palavra inundação vinha do latim: *inundatio*. Mas o que nós queríamos saber era de onde vinha a inundação propriamente dita. Não chovera nos últimos dias, pelo que era estranho que a escola estivesse inundada. O Thomas disse-nos que um cano podia ter rebentado, algo que já acontecera no clube de karaté do seu pai, obrigando a substituir todos os tatâmis. Isto deixou-nos um bocadinho inquietos.

Os pais perguntaram à Mademoiselle Jennings se havia danos a registar. Ela respondeu que ainda não sabia, porque não tinha podido entrar lá dentro. Esperámos ainda um pouco. Um bombeiro veio falar com a Mademoiselle Jennings e disse-lhe, com um ar cabisbaixo: «Está

tudo inundado, a vossa escola neste momento é impraticável.»

A Mademoiselle Jennings começou a chorar, e ficámos cheios de pena de a ver tão triste. O contínuo parecia estar muito chateado. O bombeiro e os pais puseram-se a falar todos ao mesmo tempo e o bombeiro explicou-lhes o que queria dizer «impraticável»: não seria possível regressarmos à escola especial durante muito tempo. O bombeiro disse que a água se espalhara durante todo o fim de semana, e, pela maneira como falava, acreditámos que seria um problema com os canos. «Estão a ver», assinalou o Thomas, «foi o que aconteceu no clube de karaté do meu pai.»

Os pais começaram a tagarelar. Nós perguntávamo-nos o que faríamos, caso não pudéssemos ir mais à escola especial. Depois, chegou um senhor grande, muito alto, que era o diretor da escola das crianças normais. O diretor tinha um ar muito preocupado e veio em direção à Mademoiselle Jennings, para a confortar. Tentou abraçá-la, mas ela não parecia muito interessada. Ele deu-lhe um lenço e prometeu levantar-lhe o moral. Em vez de lhe levantar o moral, mais valia ter levantado o cano que acabara de inundar a nossa querida escola.

De seguida, o diretor armou um espetáculo para os pais, explicando que estava tudo controlado e que arranjaría uma sala para nós na sua escola para crianças normais, mesmo ali a dois passos, e que a Mademoiselle Jennings não precisava de se preocupar com nada. Poderíamos ficar na escola das crianças normais durante o tempo que fosse necessário para as obras de reparação da nossa escola.

*

A Mademoiselle Jennings juntou-nos em círculo, como costuma fazer quando tem algo importante para nos dizer. Por exemplo, quando vamos numa excursão e nos dá instruções para a viagem. Explicou-nos o que já sabíamos: íamos deixar de ter acesso à escola especial por causa da inundação. E acrescentou uma coisa que ainda não sabíamos: na origem da inundação estiveram lavatórios entupidos nas casas de banho. Pedacos de plasticina obstruíram o sifão dos lavatórios, enquanto as torneiras ficaram abertas durante todo o fim de semana. A água transbordou e espalhou-se por todo o lado. Tínhamos muitas perguntas para fazer à Mademoiselle Jennings. Como é que a plasticina foi parar aos lavatórios? E porque é que as torneiras ficaram abertas durante todo o fim de semana?

A Mademoiselle Jennings fez então um ar muito sério e disse:

— Justamente, meus queridos, é uma história bizarra. Na sexta-feira, será que algum de vocês se pôs a brincar com plasticina nos lavatórios?

Todos lhe assegurámos que não. Os olhares viraram-se evidentemente para o Yoshi — que na verdade é o único que brinca com plasticina, porque quando for grande quer ser escultor —, mas o Yoshi, como única resposta, uma vez que não fala, abanou vigorosamente a cabeça para garantir que não tinha entupido coisa nenhuma.

— Não é grave se por acaso entupiste os lavatórios — insistiu a Mademoiselle Jennings. — Eu só quero compreender o que se passou.

Nós achávamos que aquilo só podia ser grave, porque os bombeiros tinham sido chamados e agora a escola ficara impraticável. Mas o Yoshi continuou a abanar a cabeça,

com insistência, e quase começou a chorar. Eu chamei a atenção da Mademoiselle Jennings:

— Quando alguma coisa se estraga ou avaria na escola, o contínuo dá sempre por ela. Se os lavatórios comessem a transbordar, ele teria visto.

— Na sexta-feira, o contínuo teve de se ir embora antes do toque de saída, porque a mãe foi para o hospital — contou-nos a Mademoiselle Jennings.

Encolhemos os ombros. Se o Yoshi dizia que não tinha sido ele, então não tinha sido ele. Não era do seu feitio mentir. Mas a Mademoiselle Jennings não parecia convencida: aqueles lavatórios não se tinham entupido sozinhos. Explicou-nos que os bombeiros haviam aberto uma investigação e que o chefe dos bombeiros tinha perguntas para nos fazer.

Ao ouvir isto, gritámos todos de alegria. Era entusiasmante encontrarmo-nos com o chefe dos bombeiros, que devia ser meio bombeiro, meio detetive, já que conduzia uma investigação.

Nesse momento, um senhor enorme, barrigudo, com bigode de morsa e um fato demasiado largo, com gravata, dirigiu-se até junto de nós. Disse:

— Crianças, posso dar-vos uma palavrinha?

Eu respondi educadamente que não, porque ficáramos de ir falar com o chefe dos bombeiros, mas eis que o Bigode de Morsa nos disse que era ele o chefe dos bombeiros. Ficámos desiludidos. Não tinha nem ar de chefe, nem ar de bombeiro.

— O senhor tem a certeza de que é o chefe dos bombeiros? — perguntou o Artie.

— Certezinha absoluta — respondeu o Bigode de Morsa.

Mostrou uma medalha de bombeiro que trazia ao peito, julgando que nos impressionava. Mas o Giovanni comentou:

— O senhor é bastante gordo para bombeiro...

O Thomas interveio:

— Se é gordo, é porque é mesmo o chefe. O meu pai diz que os chefes não fazem nada, só comem brioches e bebem café o dia inteiro.

— Muito simpático, o teu pai — contrapôs o chefe dos bombeiros.

O Artie pôs-se a choramingar:

— Parece que o café faz mal ao coração, por isso espero nunca vir a ser chefe, senão serei obrigado a beber litradas de café, e depois fico com problemas cardíacos.

— Onde é que estão os seus músculos de bombeiro? — perguntou o Thomas, que sabe muito de músculos porque o pai é professor de karaté.

— Acho que os deixei no carro — respondeu o Bigode de Morsa.

— Então o melhor é ir buscá-los, a ver se salva alguém.

— Eu ocupo-me sobretudo das investigações — explicou o chefe dos bombeiros. — E se estou aqui é justamente para compreender o que se passou na vossa escola.

Eu tentei ajudá-lo:

— Alguém inundou a nossa escola. A Mademoiselle Jennings disse que os lavatórios estavam entupidos com plasticina e que as torneiras ficaram abertas todo o fim de semana.

Com um ar chateado, o chefe dos bombeiros cofiou a sua grande bigodaça:

— Sabes, minha menina, na maior parte dos casos, não se trata de um ato voluntário, mas antes de um esquecimento.

Do premiado autor com mais de 2 milhões de leitores em todo o mundo, célebre pelos mistérios literários impossíveis de largar, chega uma história inesperada, capaz de surpreender diferentes gerações.

«Na pequena cidade onde cresci, as pessoas ficaram marcadas, durante muitos anos, pelos acontecimentos ocorridos no jardim zoológico numa sexta-feira de dezembro, a poucos dias do Natal. E durante todos esses anos ninguém soube o que verdadeiramente se passou. Até este livro.»

O Natal está à porta. Para assinalar o fim das aulas, a turma de Joséphine faz uma visita de estudo ao jardim zoológico. Porém, o passeio, que tinha tudo para ser divertido, rapidamente se precipita numa catástrofe.

Que aconteceu ao certo? Porque se revestem todos os acontecimentos de um secretismo absoluto? Os pais de Joséphine, que parece saber muita coisa, não desistirão enquanto não descobrirem a verdade. E perceberão, pelo caminho, que uma catástrofe nunca vem só, que as aparências iludem e que qualquer história pode tomar rumos imprevisíveis.

Vários anos mais tarde, Joséphine, já adulta, decide contar tudo num livro.

Com o mistério a manter o leitor em tensão da primeira à última linha, *Uma catastrófica visita ao zoo* é um romance comovente e cheio de humor, que aborda temas universais como a democracia, a aceitação e as relações entre pais, professores e jovens, urdido com a mestria e a precisão narrativa a que Joël Dicker nos habituou, desta vez com ingredientes que têm seduzido leitores de todas as idades um pouco por todo o mundo.



«Nas minhas conversas com leitores, o que mais me emociona são as leituras partilhadas em família, entre amigos ou em clubes de leitura. Por isso, tentei escrever um livro que pudesse ser lido e partilhado por todos os leitores, dos 7 aos 120 anos. Com os vossos filhos, os vossos pais, vizinhos, amigos ou colegas de trabalho.

Um livro que dê vontade de ler e de dar a ler. E que permita que nos encontremos. Que nos encontremos a sério.»

JOËL DICKER

Descubra no interior o acesso a materiais de mediação de leitura



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

f alaguaraeditora

@penguinlivros

ISBN: 978-989-5961-01-6



9 789895 961016